

# BOLETIM

---

# GEOCORRENTE

23 de setembro de 2021

ISSN 2446-7014

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

ANO 7 • Nº 148

## Mar, terra, ar e espaço: a “Coreia Global” segue além

ESTES E OUTROS 12 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO



# BOLETIM GEOCORRENTE

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

## DIRETOR DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE SILVIO LUIS DOS SANTOS

## SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

## CONSELHO EDITORIAL

### EDITOR CHEFE

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO F. DE MATTOS (EGN)

### EDITOR EXECUTIVO

CAPITÃO-TENENTE BRUNO DE SEIXAS CARVALHO (UNIVERSITY OF BIRMINGHAM)

### EDITOR CIENTÍFICO

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

### EDITORES ADJUNTOS

JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)

NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)

THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)

### DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)

ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)

### TRADUÇÃO E REVISÃO

RODRIGO OLIVEIRA DUTRA MARCÍLIO (UFRJ)

## NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 600 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

Os artigos do Boletim Geocorrente e seu conteúdo gráfico possuem Direitos Autorais. Nenhuma parte do período pode ser reproduzido ou distribuído sem que haja a permissão expressa do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC). Para obter permissão entre em contato com [geocorrentenac@gmail.com](mailto:geocorrentenac@gmail.com)

## CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.  
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil  
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: [geocorrentenac@gmail.com](mailto:geocorrentenac@gmail.com)

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

## PESQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

### ÁFRICA SUBSAARIANA

FRANCO NAPOLEÃO A. DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-RIO)

ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)

JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)

VANESSA PASSOS BANDEIRA DE SOUSA (ESG)

VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UERJ)

### AMÉRICA DO SUL

ANA LAURA MARÇAL MONSORES (UFF)

BRUNA SOARES CORRÊA DE SOUZA (UNILASALLE)

CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (EGN)

JOSÉ MARTINS RODRIGUES JUNIOR (UFRJ)

LUCIANO VENEU TERRA (UFF)

MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)

PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIV. DE SANTIAGO)

### AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)

RAFAEL ESTEVES GOMES (UFRJ)

VICTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-RIO)

VICTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

### ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)

GABRIELA PAULUCCI DA HORA VIANA (UFRJ)

GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-RIO)

RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

### EUROPA

GUILHERME FRANCISCO PAGLIARES DE CARVALHO (UFF)

MARINA AUTRAN CALDAS BONNY (UFRJ)

MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)

THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

VICTOR MAGALHÃES LONGO DE CARVALHO MOTTA (UFRJ)

### LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)

LUIZ FILIPE DE SOUZA PORTO (UFRJ)

MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (EGN)

MARIA CLAUDIA MENEZES LEAL NUNES (USP)

PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)

RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)

VINICIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

### ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ADEL BAKKOUR (UFRJ)

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)

DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)

ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)

PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)

VITOR FERREIRA LENGROBER (UCP)

### RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)

LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)

PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)

PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

VITÓRIA DE FRANÇA FERNANDES (UFRJ)

### SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

MARIA GABRIELA VELOSO CAMELO (PUC-RIO)

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)

VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

### SUL DA ÁSIA

IASMIN GABRIELE NASCIMENTO DOS SANTOS (UFRJ)

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)

MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)

REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

### TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)

GUILHERME NOVAES SILVA PINTO (UFRJ)



# ÍNDICE

<b>AMÉRICA DO SUL</b>		
O impacto das mudanças climáticas na Cordilheira dos Andes.....	5	
<b>AMÉRICA DO NORTE &amp; CENTRAL</b>		
A participação do AOPS canadense na Operação Nanook .....	6	
Haiti: um país entre crises.....	7	
<b>ÁFRICA SUBSAARIANA</b>		
Os impactos estruturais da pesca ilegal em Gana.....	7	
<b>EUROPA</b>		
Operação Atalanta e a presença italiana na costa da Somália .....	8	
<b>ORIENTE MÉDIO &amp; NORTE DA ÁFRICA</b>		
A projeção de poder turco no Azerbaijão.....	9	
<b>RÚSSIA &amp; Ex-URSS</b>		
O Army 2021: indústria de defesa, poder naval e a projeção internacional.....	10	
		<b>LESTE ASIÁTICO</b>
		Mar, terra, ar e espaço: a “Coreia Global” segue além .....
		China e Big Tech: por trás das Regulações .....
		<b>SUL DA ÁSIA</b>
		Laços comerciais indo-russos alcançam novos horizontes .....
		<b>SUDESTE ASIÁTICO &amp; OCEANIA</b>
		O AUKUS e a estratégia australiana para o Indo-Pacífico .....
		<b>ÁRTICO &amp; ANTÁRTICA</b>
		Os projetos da Novatek e a projeção da Rússia no Ártico .....
		Artigos Selecionados & Notícias de Defesa.....
		Calendário Geocorrente.....
		Referências.....
		Mapa de Riscos.....

## PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

Por: Bruno Gonçalves

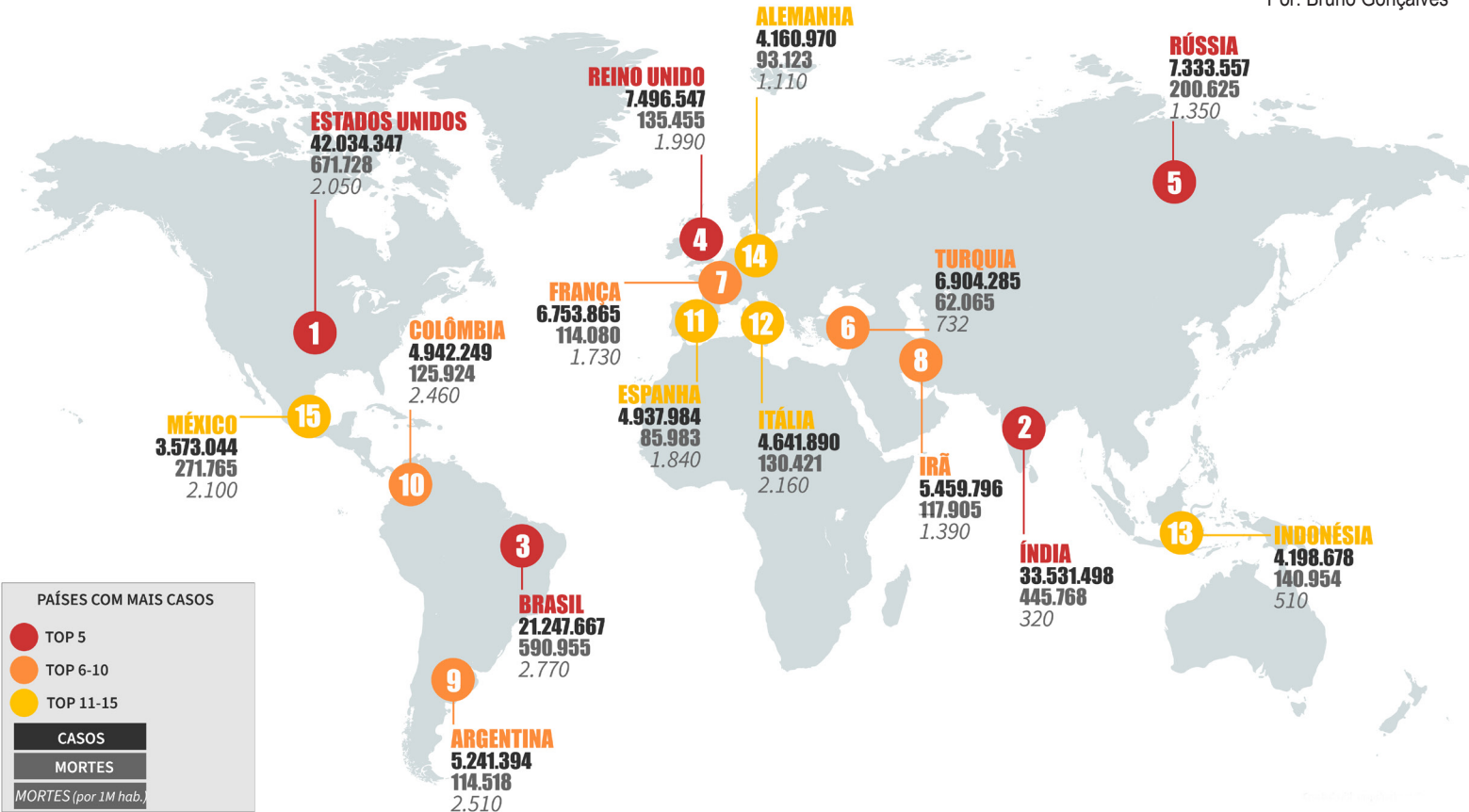


Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 19.

# PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "WHO COVID-19 Dashboard", publicado no dia 23 de setembro de 2021.

Por: Bruno Gonçalves



**PAÍSES COM MAIS CASOS**

- TOP 5 (Red)
- TOP 6-10 (Orange)
- TOP 11-15 (Yellow)

**CASOS**  
**MORTES**  
**MORTES (por 1M hab.)**

## ACOMPANHAMENTO DAS VACINAS

PANDEMIA DA COVID-19				
Vacinação pelo mundo				
Ranking dos países com mais doses aplicadas e colocação correspondente à população vacinada				
País	Doses aplicadas*		População vacinada (%)	Vacinas
	(milhões)	(por 100 pessoas)		
China	2.186,5 (1º)	156	79 (7º)	CanSino Sinopharm/Beijing Sinopharm/Wuhan Sinovac
Índia	827,2 (2º)	61	45 (77º)	Covaxin Oxford/AstraZeneca Sputnik V
Estados Unidos	387,4 (3º)	117	64 (43º)	Johnson&Johnson Moderna Pfizer/BioNTech
Brasil	224,9 (4º)	107	70 (30º)	Johnson&Johnson Oxford/AstraZeneca Pfizer/BioNTech Sinovac
Japão	154,9 (5º)	123	67 (35º)	Moderna Pfizer/BioNTech
Indonésia	128,6 (6º)	48	30 (101º)	Moderna Oxford/AstraZeneca Sinopharm/Beijing Sinovac
Turquia	106,4 (7º)	128	64 (46º)	Pfizer/BioNTech Sinovac
Alemanha	106,3 (8º)	128	67 (34º)	Johnson&Johnson Moderna Pfizer/BioNTech Oxford/AstraZeneca
México	96,7 (9º)	76	49 (73º)	CanSino Johnson&Johnson Moderna Oxford/AstraZeneca Pfizer/BioNTech Sinovac Sputnik V
Reino Unido	93,2 (10º)	139	73 (24º)	Moderna Oxford/AstraZeneca Pfizer/BioNTech

\*É contado como uma dose única e pode não ser igual ao número total de pessoas vacinadas, dependendo do regime de dose específico (por exemplo, as pessoas recebem doses múltiplas).

Fontes: Organização Mundial da Saúde; The New York Times

O impacto das mudanças climáticas na Cordilheira dos Andes

Victor Cabral

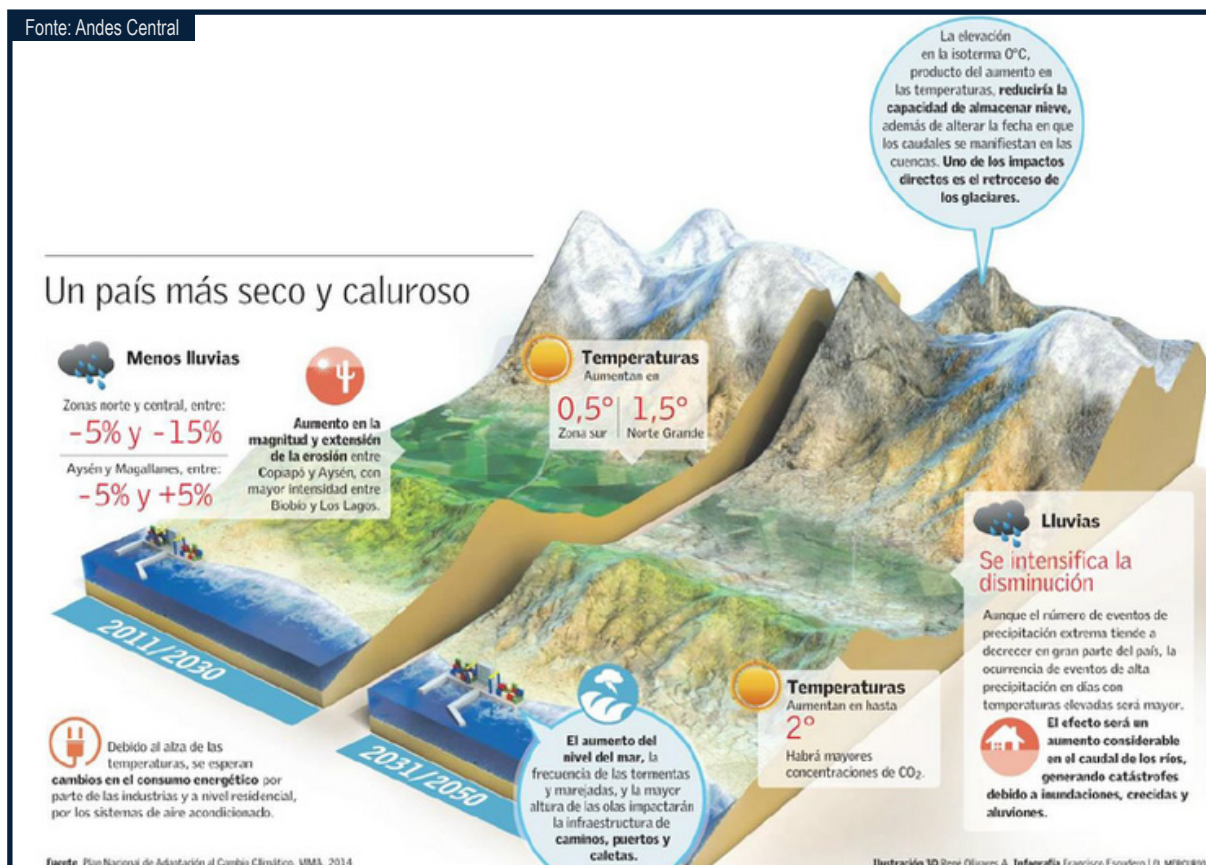
Segundo o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, a América do Sul será afetada de múltiplas maneiras pelo aquecimento global. A região enfrentará elevação do nível do mar, inundações, secas e desertificações, com desdobramentos socioeconômicos. A Cordilheira dos Andes estará em evidência nesse processo, por ser fonte de recursos hídricos, alimentares e energéticos, além de regular o clima regional. Dessa forma, quais desdobramentos geopolíticos as mudanças climáticas podem impulsionar nos Andes?

A Cordilheira dos Andes é responsável pelo equilíbrio climático regional, pois algumas de suas geleiras são o berço das nascentes do Rio Amazonas, além de redirecionar a umidade proveniente da Amazônia. As mudanças climáticas intensificam o derretimento da neve dos Andes, promovendo inundações nos sete países cortados pela Cordilheira. Por outro lado, as alterações nos padrões pluviométricos e a elevação da temperatura regional acima da média global aceleram a seca e a desertificação, pois a água evapora rápido, os rios e lagos desabastecem-se e deixam de existir. Ou seja, um risco à segurança hídrica e energética local.

O Chile, por exemplo, já enfrenta os efeitos das mudanças climáticas em razão das constantes secas e avanço da desertificação em regiões como Coquimbo e Biobío. Os recursos energéticos são os primeiros a

darem sinal de alerta, pois a incapacidade de produção de energia hidrelétrica tem sido frequente, forçando o governo a utilizar usinas de carvão para suprir o déficit energético, ainda que tal medida seja contraproducente na mitigação do aquecimento global. Vale ressaltar que o Chile inaugurou em junho de 2021 o primeiro parque energético heliotérmico da América do Sul: *Cerro Dominador*, orçado em US\$ 1,4 bilhão. É imperativa a abertura de mais usinas heliotérmicas, de modo a reduzir a dependência energética de recursos não-renováveis, embora falte incentivo político e econômico dos Estados para tal.

Dessa forma, as mudanças climáticas já impactam os Andes e podem afetar todo o subcontinente. Não será possível manter o atual sistema de produção energética vigente devido às secas e desertificações, impactando diretamente a sociedade. A insegurança alimentar e hídrica impulsionarão crises econômicas pela inflação dos alimentos, elevarão a fome, promoverão disputas por recursos ainda no século XXI, além de alavancar migrações forçadas, produzindo refugiados ambientais. É importante, nesse sentido, que as lideranças políticas desenvolvam planos de contingência e fundos para executá-los antes que as crises se tornem cotidianas e promovam o caos socioambiental no subcontinente.





A participação do AOPS canadense na Operação Nanook

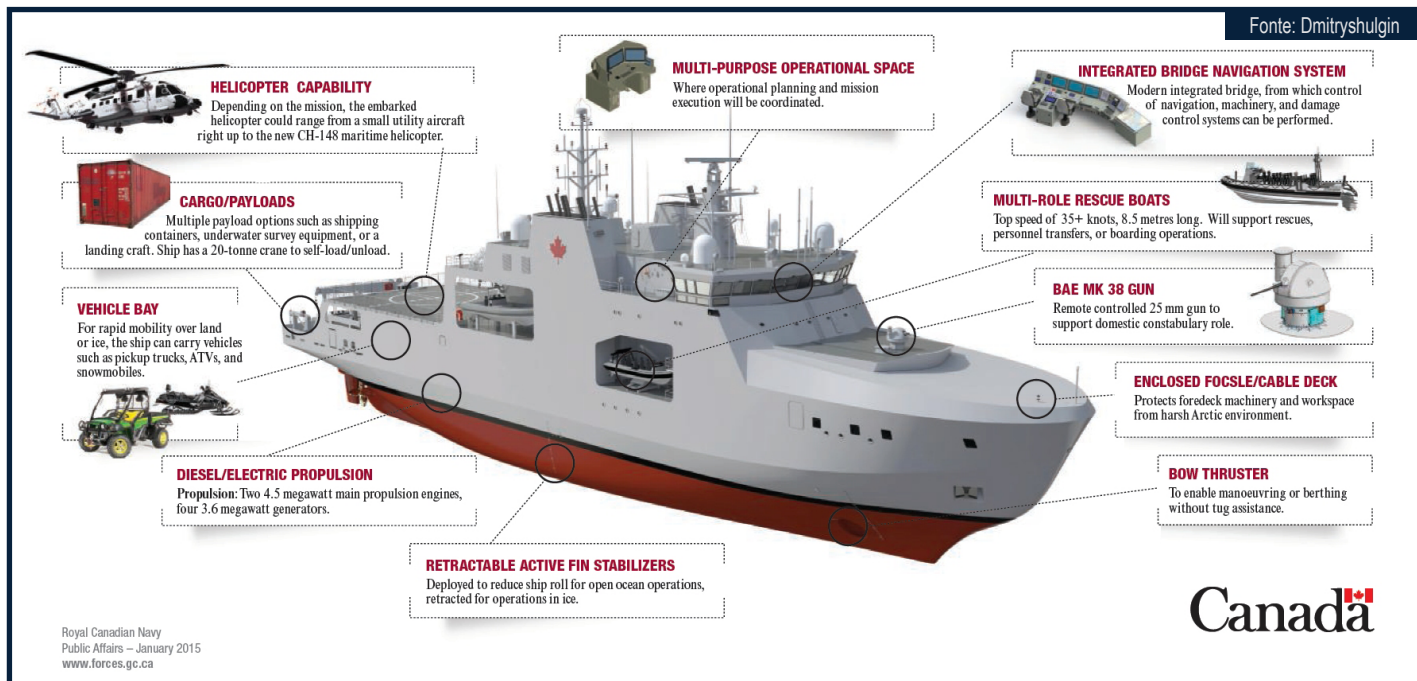
Jéssica Barreto

Pela primeira vez, em mais de 60 anos, um navio construído no Canadá navegou pela Passagem Noroeste, no Ártico canadense. Trata-se do HMCS *Harry DeWolf* que foi entregue à Marinha Canadense em 31 de julho de 2020, sendo a maior embarcação construída no país nos últimos 50 anos. Vale ressaltar que em 2010, o governo Harper lançou oficialmente a *National Shipbuilding Strategy* (NSS), reconhecidamente o maior plano de reaparelhamento e modernização naval na história do país, em período de paz. Com o objetivo de entregar em torno de 55 embarcações nos próximos 30 anos, destaca-se na estratégia o programa de construção do *Arctic and Offshore Patrol Ship* (AOPS). Nesse sentido, questiona-se a importância do AOPS para o Poder Naval canadense.

A primeira missão da embarcação, que durará quatro meses, começou com a sua participação na Operação Nanook 2021, que aconteceu entre 12 de agosto e 12 de setembro e contou com a realização de diversas atividades na referida região. O AOPS pretende aumentar a presença do país no Ártico, podendo realizar operações de vigilância em mar aberto. O Ártico é uma região crucial para a identidade nacional e a soberania do Canadá. Em

1971, a preocupação com a região apareceu oficialmente na Política de Defesa do país como uma necessidade de desenvolvimento econômico e social para maior integração da região ao resto da federação. No início dos anos 2000, o discurso se volta para o espectro da defesa e segurança, com o desenvolvimento de operações de guerra, como a Operação Nanook, além do lançamento de documentos oficiais para desenvolvimento de infraestrutura e investimentos na área.

Apesar dessa importância da região, e de um setor de construção naval desenvolvido ainda no século XIX, houve diversos cortes na pasta de Defesa e tentativas frustradas de reaparelhamento das Forças Armadas após os anos de 1990. Isso deixou a Marinha com equipamentos sucateados e capacidade limitada de atuação em especial no Ártico, e dependendo de Forças amigas para vigilância na área. Ainda que não permita a atuação do país no Ártico nos meses de inverno rígido, além dos benefícios econômicos e da geração de empregos na província, o AOPS aumenta a presença do Canadá e a sua capacidade de atuar sem depender inteiramente dos aliados, potencializando seu poder naval.



Em 14 de agosto de 2021, o Haiti foi atingido por um terremoto de magnitude 7.2 graus na Escala Richter, seguido por outros tremores ao longo da mesma semana. Apesar de os danos estarem em avaliação, de acordo com as declarações do governo haitiano, acredita-se que o número de mortos, feridos e desabrigados chegou aos milhares. Adicionado a isso, o país foi atingido pela tempestade Grace, que causou enchentes pela região. É necessário considerar que o Haiti passa por uma crise estrutural, intensificada pelo magnicídio de Jovenel Moïse em 7 de julho do mesmo ano. Com isso, como tais desastres naturais fragilizam a já abalada sociedade haitiana?

Desde 2010, o Haiti tenta se recuperar de um abalo sísmico de magnitude 7 graus na Escala Richter, vitimando 300 mil pessoas e destruindo a infraestrutura local, principalmente da capital, Porto Príncipe. A reconstrução foi apoiada pela Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), que se encontrava no país desde 2004 e manteve suas atividades até 2017. Apesar das importantes iniciativas da MINUSTAH, com destaque para o desenvolvimento de um regime democrático e pelo combate a grupos armados internos, a estrutura socioeconômica do país foi pouco modificada, mantendo um dos piores Índices de Desenvolvimento

Humano do mundo. Vale notar que, devido ao terremoto de agosto de 2021 e aos acontecimentos posteriores, as conquistas da MINUSTAH podem ser afetadas ou até mesmo perdidas.

As consequências do assassinato do presidente haitiano, como a instabilidade política ([Boletim 143](#)), ainda são sentidas no país. Para tentar contornar essa situação, o Primeiro-Ministro, Ariel Henry, sugeriu a realização de eleições em novembro de 2021, porém os desastres naturais de agosto podem atrasar ainda mais a escolha de um novo Chefe de Estado e membros do Legislativo. Ademais, o Ministro da Justiça do governo foi destituído por Henry, no dia 15 de setembro de 2021, por tê-lo acusado de ter envolvimento no magnicídio de Jovenel Moïse, o que impacta na credibilidade e legitimidade da nova administração.

Considerando estes fatos, os acontecimentos recentes no Haiti possuem potencial de agravamento da situação política e socioeconômica do país, causando maior instabilidade na região caribenha. A comunidade internacional deve estar atenta ao povo haitiano, com o objetivo de auxiliar na recuperação das catástrofes e apoiar uma mudança estrutural, possibilitando um maior desenvolvimento do Haiti e de sua população.

DOI 10.21544/2446-7014.n148.p07.

## ÁFRICA SUBSAARIANA

### Os impactos estruturais da pesca ilegal em Gana

Vanessa Bandeira

Sobre a incidência de pirataria no Golfo da Guiné (GoG, sigla em inglês) iniciativas como o *Deep Blue Project* ([Boletim 144](#)) e o exercício militar com os Estados Unidos ([Boletim 146](#)) vêm sendo estabelecidas para incrementar a segurança marítima na região. Nesse sentido, outra ameaça vem assumindo proporções cada vez maiores: a pesca ilegal não declarada ou não regulamentada (IUU, sigla em inglês). Além de impactar a sustentabilidade dos estoques pesqueiros, tal problemática contribui diretamente para o desemprego, empobrecimento das populações costeiras, e ameaça: a segurança alimentar, soberania e economia dos países lindeiros. Quais os impactos dessa atividade para Gana, um país dependente da pesca para a nutrição de sua população e cujo consumo de peixe representa cerca de 60% do volume de proteína animal?

Gana é o 18º maior PIB *per capita* da África, composto principalmente por serviços (57,2%), onde trabalham aproximadamente 40,9% da população. Também é o 13º país mais populoso do continente, com 23,4% da população vivendo abaixo da linha da pobreza. Em um país com uma economia baseada na extração de recursos,

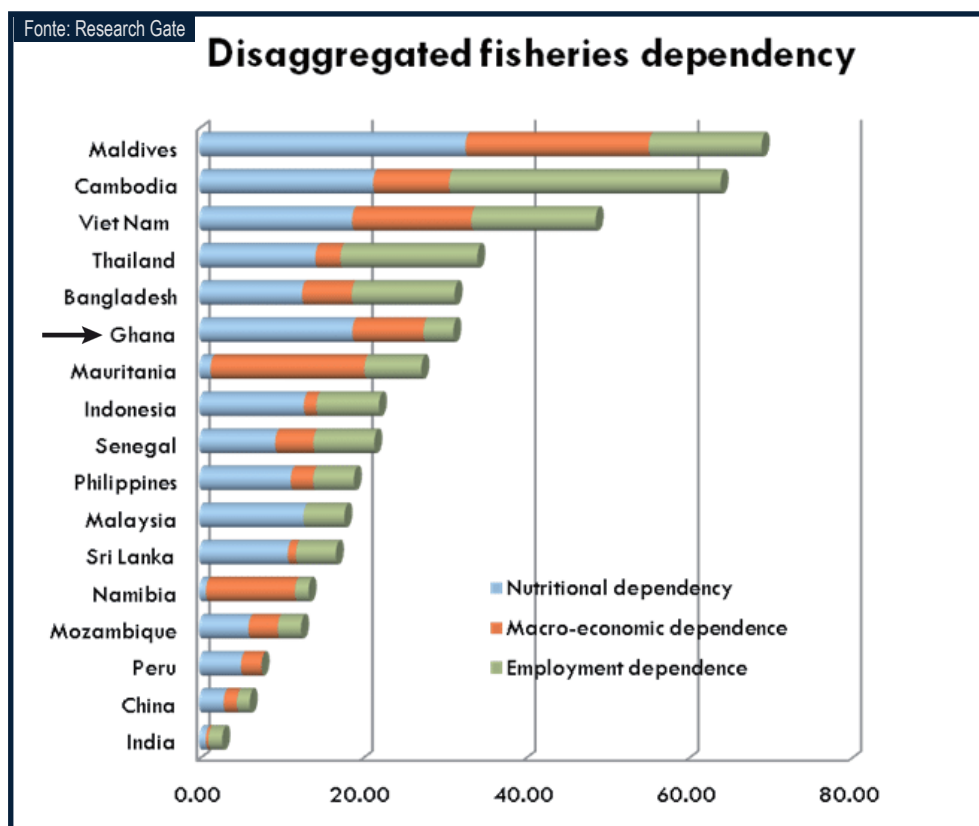
a pesca fornece subsistência para aproximadamente 10% da população. Porém, pescadores artesanais vêm sofrendo com a queda na captura de pescados devido à pesca IUU.

Essa extração predatória é realizada por navios que geralmente possuem bandeira de países africanos, porém, em sua maioria, pertencem e são operados por Estados estrangeiros, principalmente China e países europeus. Sem encontrar resistências efetivas, essas ações têm causado o declínio da renda e o aumento da pobreza das comunidades costeiras. Com poucas alternativas, muitos pescadores são aliciados para trabalhar com pirataria e outras práticas ilegais, possibilitando que a pesca IUU impacte diretamente no aumento da incidência de ataques no GoG.

Apesar da ampla extensão do problema, não há nenhuma resolução do Conselho de Segurança da ONU sobre o assunto. As políticas existentes limitam-se apenas em salvaguardar o ecossistema marinho e na gestão das mudanças climáticas. A implementação efetiva de regulamentações que visem solucionar essa questão é vital para evitar o colapso na pesca no GoG >>>

e para sustentar a economia de Gana. A mesma resposta coordenada e abrangente dada à pirataria precisa ser estendida aos demais ilícitos marítimos, de modo que os investimentos de parceiros estrangeiros efetivamente permitam um cenário seguro na costa africana.

Assim, é de suma importância o aumento da atenção e do debate relacionado à pesca IUU, uma vez que essa se configura cada vez mais prejudicial à segurança marítima do GoG.



DOI 10.21544/2446-7014.n148.p07-08.

## EUROPA

### Operação Atalanta e a presença italiana na costa da Somália

Melissa Rossi

A fragata multipropósito *Martinengo* da Marinha italiana se uniu em agosto à Força Naval da União Europeia na Somália (EUNAVFOR Somalia), também conhecida como “Operação Atalanta”. A fragata italiana apoiará o Navio Capitânia espanhol *Navarra*, já presente nas águas da Somália. No ano passado, a *Martinengo* se encontrava em missão antipirataria no Golfo da Guiné, acumulando, assim, expressiva experiência em missões multinacionais.

Atalanta é a primeira missão naval da União Europeia (UE), aprovada pelo Conselho da União Europeia pela primeira vez em 2008. Seu objetivo principal é o combate à pirataria no Golfo de Áden e nas águas da Somália, protegendo o tráfego marítimo que atravessa diariamente essas águas. Sendo assim, além de proteger navios do Programa Alimentar Mundial (WFP, sigla em inglês), programa humanitário das Nações Unidas (ONU) que ajuda a distribuir alimentos para as populações vulneráveis na Somália, a fragata *Martinengo* também ajudará a garantir a livre circulação de embarcações

comerciais que trafegam entre a Ásia e a Europa através do Canal de Suez.

É interessante ressaltar que a Operação Atalanta não atua sozinha nessa área vasta. Outras operações de segurança marítima voltadas para combater a pirataria, como a Força-Tarefa Combinada 151 (CTF 151, sigla em inglês) — força tarefa que faz parte das Forças Marítimas Combinadas (CMF, sigla em inglês) e que conta com o apoio de 34 países, incluindo o Brasil — também atuam na região. Atualmente, a CTF 151 é comandada por um contra-almirante brasileiro. Em janeiro de 2011, no auge dos ataques piratas, cerca de 32 embarcações e 736 pessoas haviam sido sequestradas ao largo da costa da Somália. Esses números têm diminuído consistentemente graças às ações incisivas dessas missões antipirataria. Não houve registro de sequestros em 2020.

Além das atividades de antipirataria, a tripulação da fragata *Martinengo* também atuará em atividades de Cooperação Civil e Militar (CIMIC, sigla em inglês) que têm como objetivos principais interceptar as atividades de »



pesca ilegal na costa da Somália e dar apoio humanitário à população local.

Portanto, devido ao empenho contínuo das tripulações e missões internacionais, como a fragata *Martinengo*

na EUNAVFOR Somália, o sucesso das operações no combate à pirataria no Golfo de Áden e nas águas da Somália vem contribuindo para a manutenção da paz e estabilidade na região.



DOI 10.21544/2446-7014.n148.p08-09.

## ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

### A projeção de poder turco no Azerbaijão

*Dominique Marques*

Em julho, o presidente turco, Recep Erdogan, encontrou-se com Ilham Aliyev, presidente do Azerbaijão. Ambos visitaram a cidade de Shusha, conquistada pelos azerbaijanos no conflito com a Armênia, em 2020, na região de Nagorno-Karabakh, na qual a Turquia colaborou com armamentos para Aliyev. Para reforçar essa cooperação militar, os presidentes assinaram uma declaração. Como a parceria entre esses Estados apresenta a projeção de poder turco nessa área de influência russa?

Sob a menção de “Dois Estados, uma Nação”, a cooperação entre Turquia e Azerbaijão se reforça cada vez mais. Erdogan buscará modernizar a capacidade militar azeri e ambos já vêm realizando operações militares bilaterais. Nesse ano, jatos de combate MiG-29 *Fulcrum* e aviões de ataque Su-25 *Frogfoot* da Força Aérea do Azerbaijão voaram para a Turquia e participaram do exercício da Força Aérea *Anatolian Eagle*, em Konya. A declaração assinada em julho prevê, dentre outras ações, o estabelecimento de uma fábrica de drones para produção conjunta. No encontro, Erdogan também não descartou a possibilidade de construir uma base militar no país.

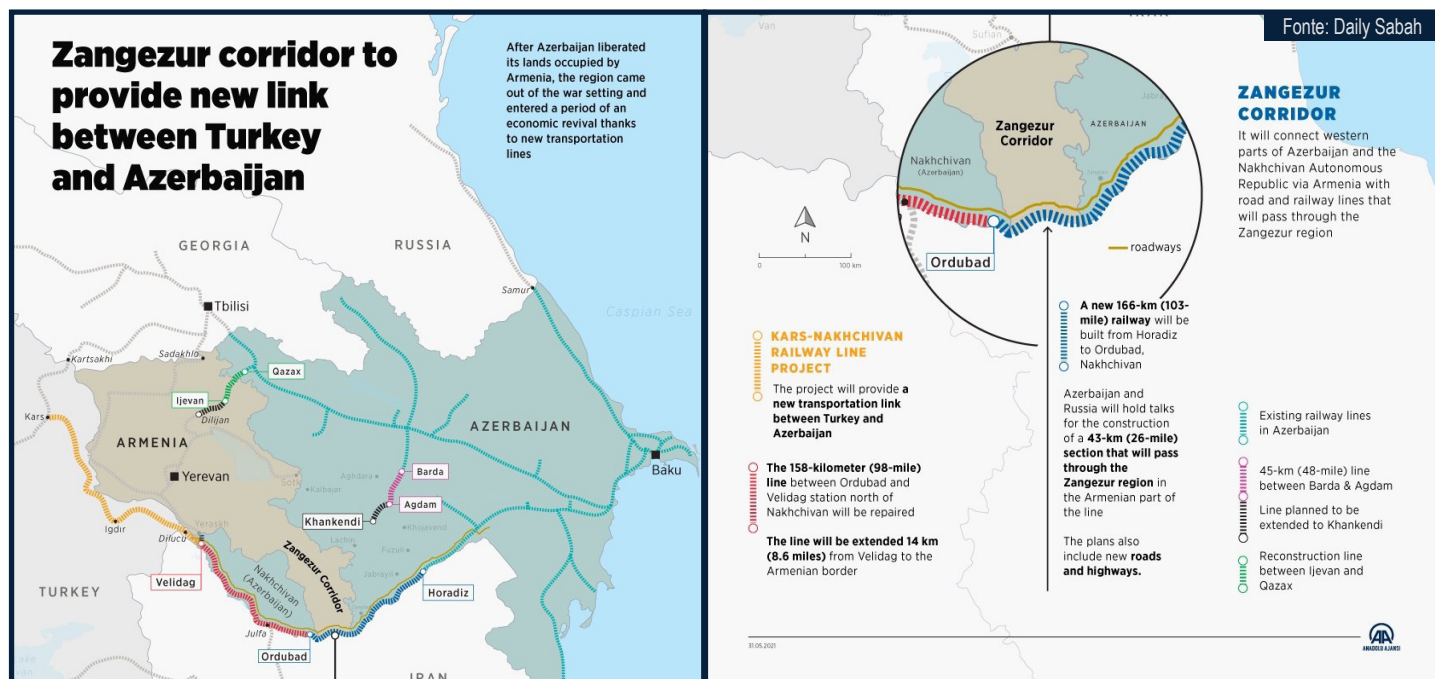
Outra das iniciativas envolvendo esses atores é o corredor Zangezur. Após o recente conflito com os armênios, Aliyev iniciou as discussões com Putin e Erdogan para a construção do empreendimento que ligará Rússia e Turquia através de seu território. Com previsão para ficar pronto em dois anos e meio, essa conexão pode fortalecer ainda mais a nova parceria, além de se tornar parte do *Belt and Road* chinês, aumentando a projeção de poder asiática na região, o que assusta não somente os países do entorno, mas também o Ocidente (Europa e Estados Unidos).

Ao que parece, essa projeção de poder turco se aproveita, por ora, da não interferência russa. Contudo, é enfático observar que a Turquia ainda faz parte da OTAN, aliança militar ocidental rival à Rússia e que o Azerbaijão foi um dos ex-Estados soviéticos combatidos fortemente pela organização. Com base nesse passado, enquanto Erdogan busca fortalecer a geopolítica turca, caso seus movimentos sejam percebidos como expansionistas por Moscou, essa colaboração recente e inédita entre Rússia e Turquia poderá acabar a qualquer momento. Isso poderá desequilibrar profundamente a balança de poder regional e desencadear conflitos prejudiciais a países com menor >>

expressão militar, como o Azerbaijão.

A “projeção de poder” turca no país, portanto, tem aparentemente se restringido à esfera diplomática por meio da cooperação técnico-militar. Porém, o

estreitamento dessas relações pela eventual construção de bases militares e outras atividades conjuntas pode gerar ruídos maiores.



DOI 10.21544/2446-7014.n148.p09-10.

## RÚSSIA & EX-URSS

### O Army 2021: indústria de defesa, poder naval e a projeção internacional russa

Pérsio Glória de Paula

O complexo industrial de defesa russo é um componente historicamente essencial para a projeção internacional de Moscou. Além de pilar de sustentação das capacidades militares do país, a indústria de defesa tem servido como ferramenta para a sua política externa. Assim, eventos como o Fórum Internacional Técnico Militar (*Army 2021*) são importantes para entendimento dessas tendências. Como esse encontro torna mais perceptível o papel da indústria naval russa?

Ocorrido no final de agosto de 2021, o *Army 2021* contou com a participação de delegações de mais de 40 países e 680 empresas expositoras. A cerimônia de abertura foi inaugurada pelo próprio presidente russo, Vladimir Putin. No evento, Putin ordenou a construção de mais seis belonaves para a Marinha Russa e assinou contrato de compra de mísseis de cruzeiro hipersônicos de lançamento naval 3M22 *Tsirkon* ([Boletim 111](#)). O *Army 2021* também foi marcado pela apresentação de novos armamentos navais, como o drone submarino de detecção de minas e cargas de profundidade, em desenvolvimento pela empresa *Gidropribor* — estatal especializada em armamentos submarinos. Dessa forma, é visualizável a crescente relevância do poder e das

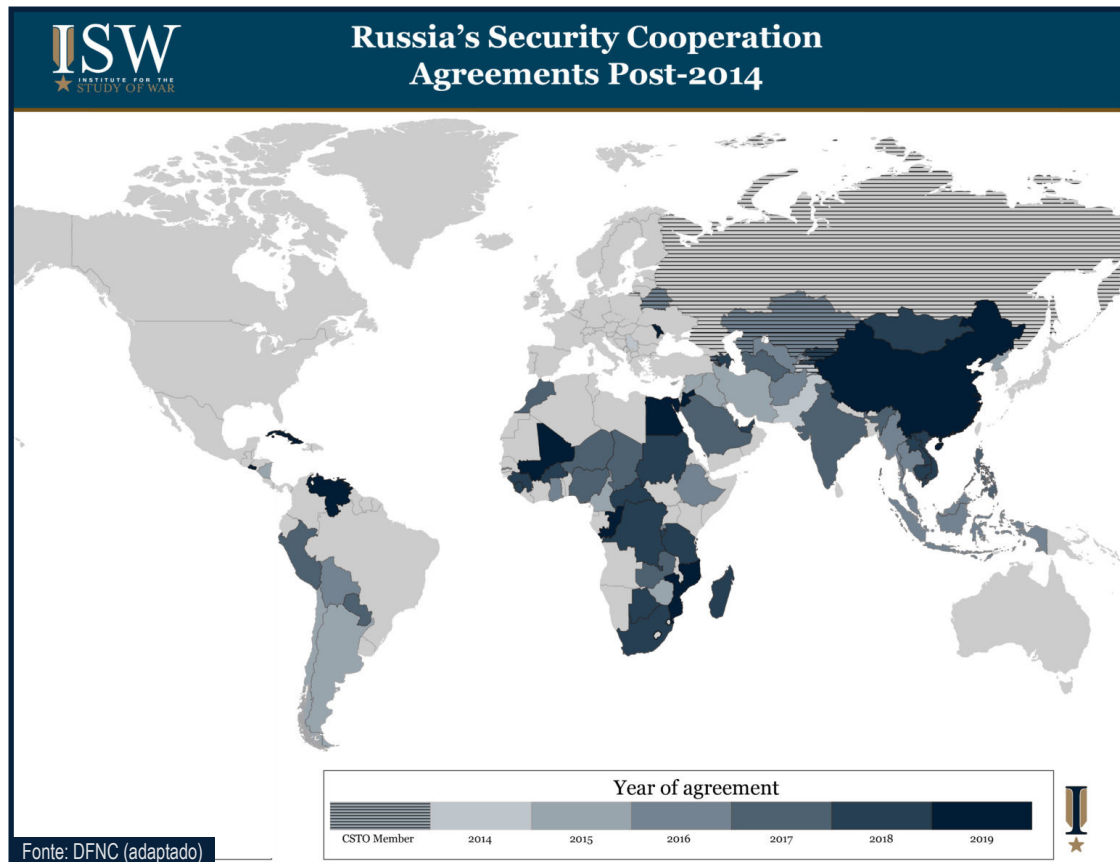
tecnologias navais no ecossistema de defesa russo.

Além de ressaltar a importância do evento, a participação do presidente russo também aponta para a relevância do *hard power* na política externa do país. Isso se visualiza na estratégia internacional russa de diversificação de parcerias, feita para contornar tanto o isolamento em face às sanções ocidentais, quanto uma possível sino-dependência. Assim, acordos internacionais de cooperação em defesa e venda de armamentos auxiliam a aproximação com países do Oriente Médio, África e América Latina. Tais ações geram ganhos econômicos, estreitamento de laços diplomáticos e consolida a ideia da Rússia como potência global, já que Moscou acaba por atuar, efetivamente, em todo o planeta.

O poder naval se tornou essencial para a manutenção da posição internacional russa, já que é necessário para solidificar ganhos de influência em regiões distantes do país, como África e América Latina ([Boletim 134](#)). Esse caráter fundamental também está presente no Ártico, região de crescente proeminência estratégica e econômica, devido às mudanças climáticas e à abertura de novas rotas marítimas, e no Mar Negro, palco de crescentes contenciosos com países ocidentais. »

Dessa forma, nota-se a utilização das capacidades da indústria de defesa em prol dos objetivos da política externa russa. Igualmente, o desenvolvimento do setor

naval também se coaduna às necessidades de projeção internacional e às tendências futuras, como as mudanças climáticas.



DOI 10.21544/2446-7014.n148.p10-11.

## Belarus e a ferramenta de dissuasão migratória

*Vitória França*

Após um ano da reeleição de Aleksander Lukashenko como presidente de Belarus ([Boletim 124](#)), a crise política no país escalou, principalmente, por dois elementos principais: situação política doméstica volátil e a relação com a União Europeia (UE) — em especial, com os vizinhos Polônia e Lituânia. Durante o último ano, Belarus vem sofrendo com o endurecimento das sanções vindas do bloco. Determinado a se mover no tabuleiro europeu, Lukashenko tem atuado, segundo a UE, um “comportamento agressivo ao organizar passagens ilegais de fronteira” com migrantes para Letônia, Lituânia e Polônia. Isso posto, cabe analisar de que forma as medidas de Lukashenko impactam a União Europeia e como podem afetar o xadrez geopolítico do Leste Europeu.

O número de requerentes de asilo na fronteira de Belarus para a UE cresceu 50 vezes em 2021 se comparado a 2020. A Polônia e os Estados bálticos — Letônia, Lituânia e Estônia — acusam Lukashenko de atrair e enviar migrantes através de suas fronteiras, que também fazem parte da fronteira oriental da UE, no que eles chamam de "guerra híbrida". O aumento

de migrantes tem sido enxergado como uma resposta de Minsk às sanções contra Belarus, e que a questão migratória possa estar sendo usada para gerar uma crise de desestabilização e exercer pressão contra o bloco.

Com o aumento das tensões nas fronteiras, a Polônia assinou, no último dia 2 de setembro, um decreto introduzindo estado de emergência ao longo da fronteira com Belarus que durará até novembro, situação que não acontece desde a existência da União Soviética. Em consonância, Lituânia e o governo polonês anunciaram a construção de cercas e o aumento de tropas em suas fronteiras. Os migrantes, atualmente, não podem entrar em território da UE ou sequer regressar a Minsk, ficando presos nas zonas fronteiriças. Nesse sentido, Lukashenko não estaria apenas usando as pessoas como arma híbrida contra a União Europeia, mas buscando provocar uma crise política interna nos Estados vizinhos para testar os limites de tolerância do bloco.

Fica evidente, portanto, que a estabilidade regional dificilmente prevalecerá enquanto houver uma política de pressão mútua entre os vizinhos regionais, ignorando a interdependência dos diferentes atores. As ações de >>



Belarus afetam o xadrez geopolítico europeu criando um foco de tensão na fronteira oriental da União Europeia. O alerta reside junto à escalada dos pequenos eventos

patrocinados por tais atores, podendo causar maiores impasses, contribuindo para aumento de disputas.



DOI 10.21544/2446-7014.n148.p11-12.

## LESTE ASIÁTICO

### Mar, terra, ar e espaço: a “Coreia Global” segue além

Marcelle Torres

A Coreia do Sul continua se desenvolvendo estrategicamente e buscando salvaguardar seus interesses marítimos e econômicos como uma potência média. Em 2021, tornou-se o único país a ter o status elevado de uma economia em desenvolvimento para uma desenvolvida, segundo a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, sigla em inglês). Nas palavras do presidente Moon Jae-in, a Coreia do Sul anseia pela defesa nacional autossuficiente e já testemunhou sua força naval evoluir de barcos de patrulha e enferrujados navios de guerra abandonados por militares do Japão, para uma marinha oceânica que comissionou aproximadamente 150 navios, incluindo 19 submarinos e 09 contratorpedeiros. O presente texto abordará alguns aspectos do desenvolvimento sul-coreano em direção a sua autossuficiência em defesa.

Recentemente, o Ministério da Defesa Nacional (MDN) anunciou o Plano de Defesa de Médio Prazo 2022-2026 com o gasto de US\$ 271,5 bilhões, considerando a crescente ameaça nuclear de Pyongyang e o desenvolvimento militar dos países na região. Deste, 66,15% para operações militares e 33,85% para modernização das forças, incluindo aquisições e P&D. Além disso, o MDN visa que 80% do orçamento de

modernização seja com produtos, tecnologias e indústrias locais.

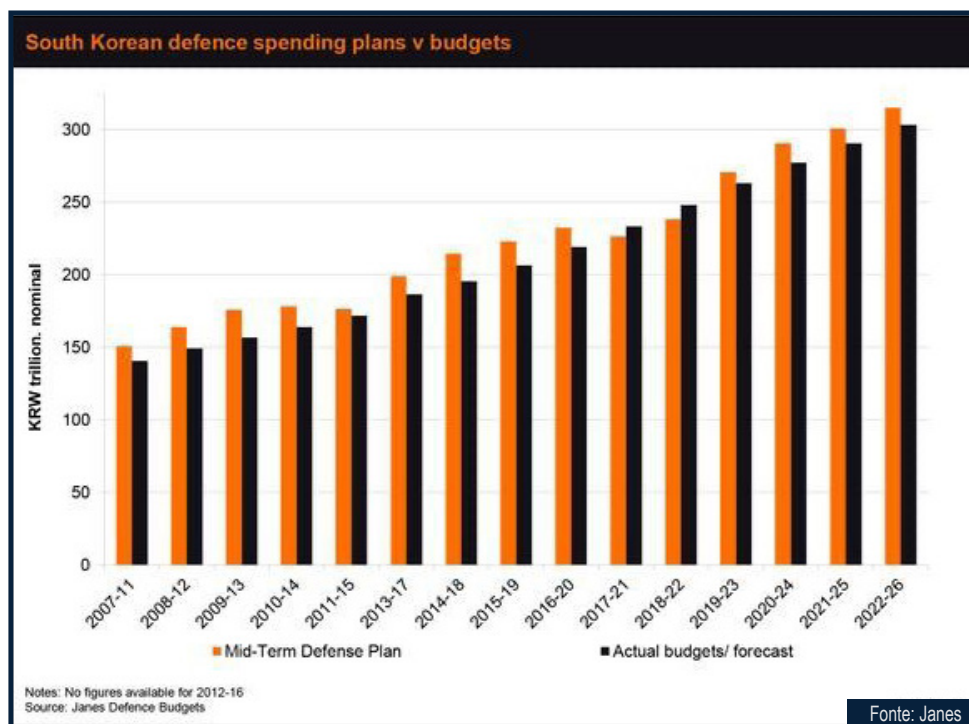
O Plano também contempla o desenvolvimento de mísseis balísticos de longo alcance, incentivado pela retomada da “soberania dos programas de mísseis” ([Boletim 140](#)), a qual também expandiu a presença sul-coreana no setor espacial e promoveu a sua adesão ao programa Artemis. Agora, Seul realizará sua primeira missão de exploração lunar em agosto de 2022. Apesar da entrada tardia na corrida pelo desenvolvimento espacial, o país busca expor seu programa espacial pelo seu desenvolvimento econômico, além de ter o status favorável como potência média.

Com relação à Marinha, a Coreia do Sul recebeu o primeiro submarino Dosan Ahn Changho de 3.000t, construído com cerca de 80% de tecnologia local e capacidade de disparo de SLBMs, o que poderia fomentar a base para o desenvolvimento de submarinos com propulsão nuclear. Em 15 de setembro, Seul testou com sucesso um míssil balístico lançado pelo Ahn Changho, tornando-se o sétimo país a possuir esta capacidade. Além disso, ainda em setembro, a *Hyundai Heavy Industries* celebrou um acordo com a britânica *Babcock*, continuando o programa de porta-aviões CVX >>

da Marinha sul-coreana (antigo LPX-II, [Boletim 132](#)). O CVX se concentrará em um projeto tradicional de porta-aviões, para operações de asa fixa e asa rotativa, com duas ilhas semelhantes à classe *Queen Elizabeth* da *Royal Navy*.

A tensão entre Estados Unidos e China estimulou a

busca da Coreia do Sul por autonomia e autossuficiência. Com a próxima eleição presidencial sul-coreana em março de 2022, a atenção se volta aos candidatos presidenciais desta que é atualmente a 6ª maior potência militar do planeta, segundo a *Global Firepower 2021*.



DOI 10.21544/2446-7014.n148.p12-13.

## China e Big Tech: por trás das Regulações

Maria Cláudia Nunes

Neste ano, o Partido Comunista da China (PCCh) tem se empenhado em criar regulamentações para suas empresas digitais, alegando diversas questões econômicas e de segurança, visando a proteção da classe média chinesa. No entanto, nos últimos meses até o próximo Congresso Nacional em 2022, Xi Jinping encontra-se sem um sucessor claro e com sinais de que pretende se manter no poder indefinidamente. Nesse sentido, o presente texto busca explorar a relação entre essas regulações no setor privado e o ambiente político para permanência de Xi no poder.

Existia, no sistema político chinês, um consenso enquadrado em lei que limitava a permanência do Secretário-Geral e presidente da República a dois mandatos. No entanto, em 2018, Xi Jinping rompeu com tal consenso e eliminou a lei, a fim de manter-se no poder indefinidamente. Essa permanência no poder, no entanto, não é certa, pois apesar do Partido ser normalmente visto como extremamente unido, existem rivalidades internas entre várias correntes políticas rivais, que poderiam ameaçar a permanência do atual chefe de Estado. Ocasões como a mudança de liderança implicam na eliminação de rivais do poder, como o caso de Bo Xilai em 2013, com sua condenação à prisão perpétua.

Em 2020, o PCCh havia prometido fortes regulamentações no setor privado tecnológico, o que

foi cumprido a partir de quatro casos: bloqueio do IPO do Grupo Ant, inquéritos da plataforma Didi, multas bilionárias da Tencent (um conglomerado tecnológico), e a proibição de lucros sobre empresas de tutorias. As notas oficiais de cada nova regulação alegaram preocupações socioeconômicas e de segurança, explicando que é um mal necessário para prevenir um crescimento desenfreado do poder das empresas, como nos Estados Unidos.

As conexões entre as empresas diretamente atingidas pelas novas regulamentações são relevantes: um dos suspeitos de ser um líder de uma corrente opositora a Xi Jinping é Jiang Zemin. Por exemplo, a *Boyu Capital* — empresa de investimentos liderada pelo neto de Zemin — tinha fortes investimentos em várias das instituições atingidas pelas novas regulações. Além disso, grandes investidores dessas empresas afetadas têm relações com Zemin; outros, como Jack Ma, já criticaram o governo previamente.

Portanto, pode-se concluir que tais conexões demonstram a possibilidade de que as regulações no setor foram feitas para atingir rivais políticos de Xi Jinping, mesmo as notas oficiais alegando preocupações nacionais. As relações entre os setores público e privado na China devem permanecer tensas até o Congresso de 2022.

DOI 10.21544/2446-7014.n148.p13.

## Laços comerciais indo-russos alcançam novos horizontes

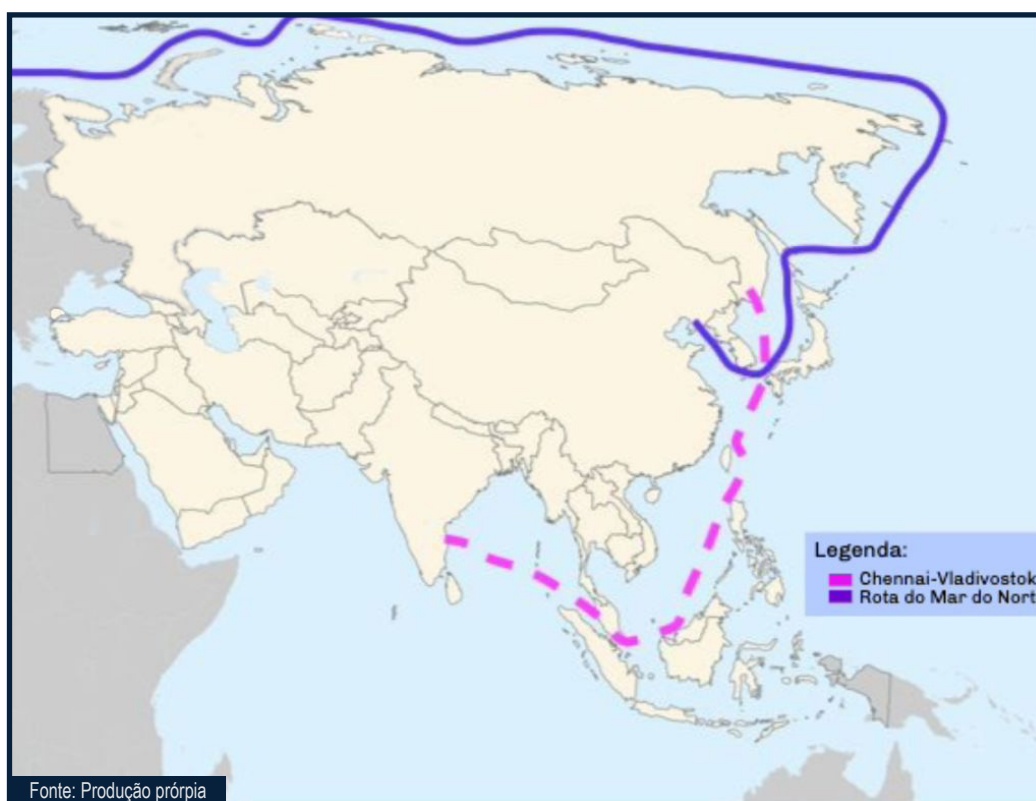
Marina Corrêa

A Índia e a Rússia são potências regionais e grandes parceiros comerciais desde o estabelecimento da "Declaração de Parceria Estratégica Índia-Rússia" em outubro de 2000. Em 2010, o então presidente russo, Dmitry Medvedev, visitou a Índia alegando que as relações indo-russas seriam elevadas ao nível de "Parceria Estratégica Especial e Privilegiada". Já em 2020, ambos os países começaram a buscar novos meios de aumentar suas participações em energia, tornando a Rota Marítima Norte (RMN) a solução. Todavia, nota-se que a dependência da Índia em relação à Rússia é muito maior que a de Moscou por Nova Delhi. Assim sendo, os novos acordos de rotas marítimas são benéficos para a Índia?

Moscou ajudou Nova Delhi a crescer e se desenvolver economicamente, embora, de acordo com a OEC (Observatório da Complexidade Econômica), haja uma discrepância no relacionamento comercial entre os países. Em 24 anos, as exportações indianas para a Rússia aumentaram a uma taxa anual de 4,73%, indo de US\$ 1,04 bilhão (1995) para US\$ 3,15 bilhões (2019); enquanto no mesmo período as exportações russas para a Índia aumentaram a uma taxa anual de 9,64% — de US\$ 742 milhões para US\$ 6,76 bilhões. Todavia, nem perto do maior parceiro comercial russo, a China, que em 2019 totalizou US\$ 110 bilhões.

Com relação aos projetos marítimos conjuntos indo-russos, estes oferecem maior conectividade entre diversos países, como o Corredor Internacional de Transporte Norte-Sul (perpassando países da Ásia Central) e o corredor marítimo Chennai-Vladivostok ([Boletim 125](#)). Para mais, a rota perpassa o Sudeste Asiático, fazendo com que a Índia aumente a sua presença geoeconômica na região. Já a Rota Marítima do Norte tornaria possível que fossem explorados o petróleo bruto e o gás natural liquefeito (GNL) no Ártico, além de servir para facilitar o abastecimento de carvão metalúrgico na costa leste da Índia. Assim sendo, a conexão Chennai-Vladivostok com a RMN traz, ainda, a presença estratégica da Índia no Mar do Sul da China, contrabalanceando a expansão chinesa nesse espaço marítimo.

Nota-se, então, que os novos acordos de rotas marítimas são benéficos para a Índia porque devem facilitar progresso nas relações indo-russas e uma consequente aproximação no balanço do comércio entre os países. É estratégico para a Índia ter a Rússia como parceira a fim de estreitar laços com economias da Ásia Central, importar recursos energéticos e reduzir as diferenças comerciais com a Rússia, assim como contrabalancear o *Belt and Road* chinês.





O AUKUS e a estratégia australiana para o Indo-Pacífico

Thayná Fernandes

No dia 16 de setembro, uma nova aliança estratégica lançada por Austrália, Estados Unidos e Reino Unido (AUKUS, em inglês) estabeleceu uma cooperação em tecnologia de Defesa visando os próximos 18 meses. O principal ponto de partida é a construção de oito submarinos convencionais de propulsão nuclear pela Austrália a partir de tecnologias compartilhadas pelos britânicos e norte-americanos. Com isso, o contrato anterior de construção de submarinos australianos firmado com a empresa francesa *Naval Group* em 2016 foi cancelado. Este texto objetiva, portanto, questionar como essa mudança contribui para estratégia australiana no Indo-Pacífico.

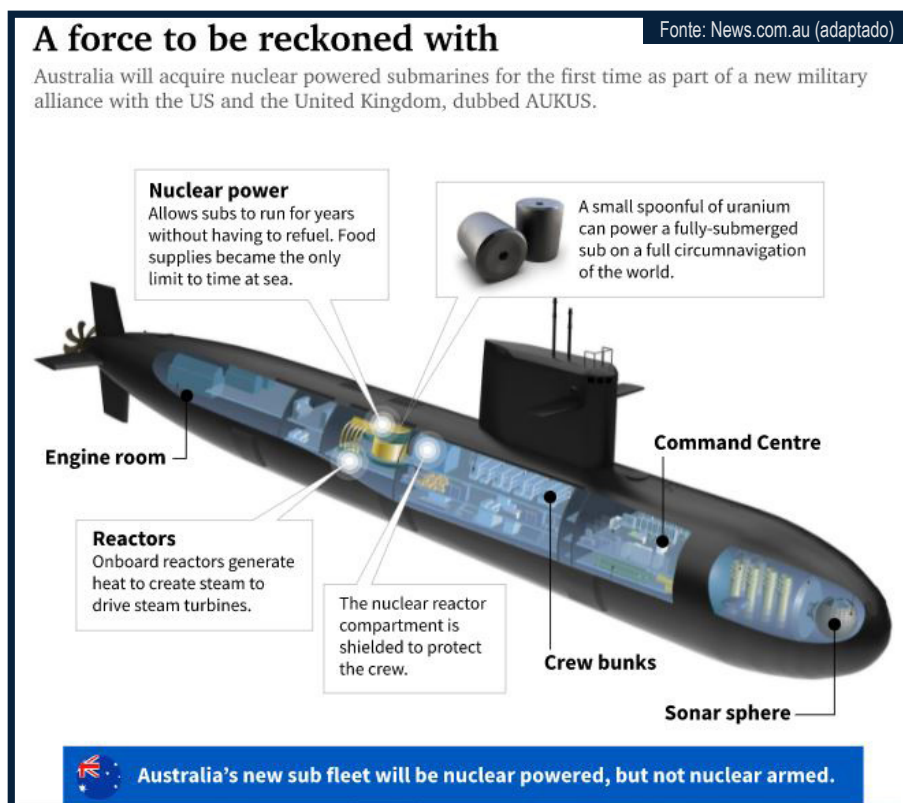
O rompimento do contrato gerou grande insatisfação diplomática na França. No entanto, o contrato de construção de 12 submarinos convencionais que, inicialmente, custaria US\$ 35 bilhões, em março de 2021 chegou próximo aos US\$ 75 bilhões, com 17 meses de atraso (Boletim 135). Nesse sentido, o governo de Scott Morrison já especulava novas parcerias, de modo que Estados Unidos e Reino Unido emergiram como aliados mais confiáveis.

Para os norte-americanos, demonstrar influência numa região de disputa com a China é fundamental para estabelecer uma postura assertiva aos avanços de Pequim. Aos britânicos, é uma oportunidade de se firmarem como potência global, dentro da perspectiva político-estratégica de um *Global Britain* (Boletim 146). À Austrália, o AUKUS contribui em três

aspectos: maior soberania em seu posicionamento político, aprofundamento das relações com importantes parceiros estratégicos e aceleração da independência em capacidade de dissuasão militar.

Com parceiros importantes, Camberra consegue ter postura mais ativa em seus imbróglis com Pequim, que vem aplicando constantes sanções econômicas desde o início da pandemia da COVID-19, rompendo ou, ao menos, mitigando a imagem submissa. Estar em um acordo de compartilhamento de tecnologia nuclear junto aos Estados Unidos e Reino Unido aprofunda as relações com esses que, desde 1958, possuem um acordo para partilhar tecnologias deste tipo apenas entre si. Ainda, um plano de desenvolvimento de capacidade submarina nuclear é algo extremamente relevante, considerando que a construção de ilhas no Mar do Sul da China e o aumento da circulação de embarcações chinesas no Indo-Pacífico representam ameaças que, atualmente, a Austrália não pode conter sozinha.

Pequim não viu a parceria com bons olhos, alegando que aumentaria a “corrida armamentista” na região. No entanto, embora seja um importante passo para Camberra, o AUKUS, por enquanto, é um acordo trilateral de desenvolvimento de tecnologia em Defesa, sem contornos de ser uma “OTAN na Ásia”. De todo modo, a Austrália caminha para robustecer sua capacidade militar e sua relevância estratégica como contraponto chinês no Indo-Pacífico.



Os projetos da Novatek e a projeção da Rússia no Ártico

Raphaella Costa

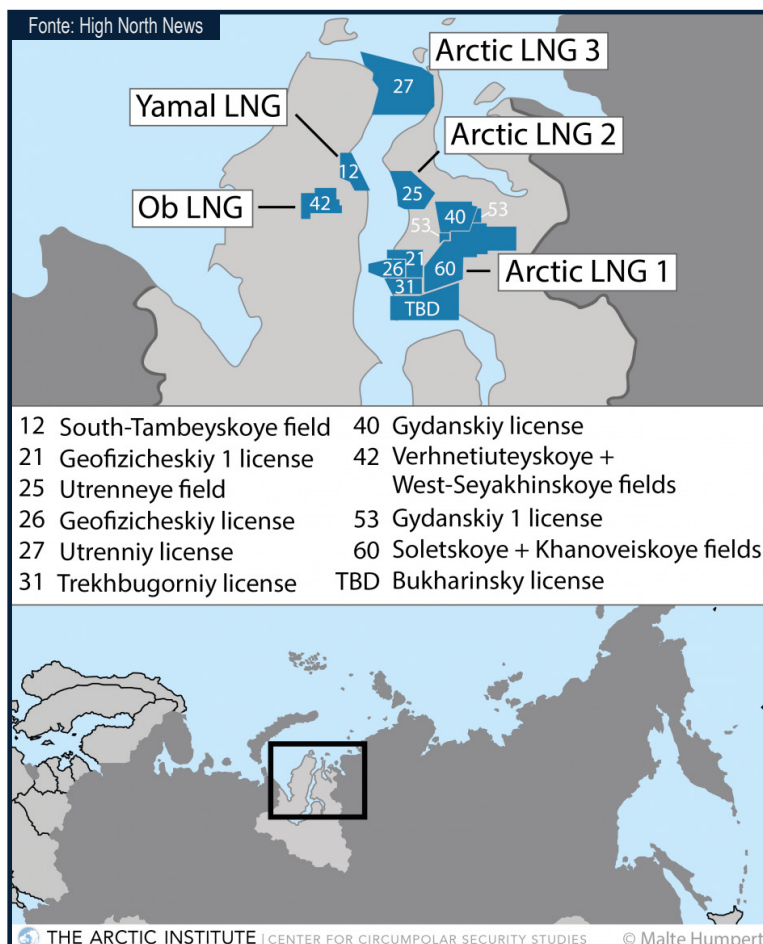
O investimento no Ártico é visível, também, por meio da exploração de recursos naturais. Um dos conceitos que ilustra esta corrida é a chamada “Geopolítica dos Recursos”, expressão cunhada por Kattalin Gabriel-Oyhamburu, que caracteriza a busca por óleo, gás e minerais de terras raras, também no Ártico, como essencial para a consolidação da soberania regional. Com base nisso, os projetos *Arctic LNG 2* e *Ob LNG*, voltados à produção de Gás Natural Liquefeito (GNL), encabeçados pela Novatek russa, colocam o país em destaque no ramo desta exploração no extremo Norte do Planeta. Nesse sentido, de que forma a disputa por recursos naturais no Ártico pode contribuir para o arranjo geopolítico entre os atores regionais?

Em fevereiro de 2021 a *Novatek* da Rússia e a *Shenergy* da China assinaram um novo acordo de gás, colocando em evidência a relevância dos laços entre os países. A partir deste pacto, a *Novatek* enviará cerca de 3 milhões de toneladas por ano de GNL para os terminais da *Shenergy* em Xangai pelos próximos 15 anos. O recurso será obtido, portanto, por meio do projeto *Arctic LNG 2* da *Novatek* na Península de Yamal, no Ártico russo. No entanto, para o projeto *Ob LNG*, planejado como a terceira maior iniciativa da *Novatek* na região, a

empresa requisitou licenças adicionais de exploração nas áreas recém-obtidas de *Arkticheskoye* e *Neytinskoye* que estão localizadas em uma reserva natural protegida, ainda que, de acordo com a lei russa, as atividades industriais sejam proibidas nessas áreas devido aos potenciais danos ambientais.

Cabe ressaltar que estes projetos são passos importantes para o Kremlin na geopolítica do gás e no desenvolvimento de sua estratégia para a região. A maior parte da produção de GNL tem como destino o eixo Ásia-Pacífico, beneficiando-se do crescimento potencial do consumo local de gás nas próximas décadas, o que permitirá que a Rússia se coloque à frente no mercado de produção de gás, competindo com outros gigantes do ramo como Austrália e Catar.

As projeções anunciam que apenas o *Arctic LNG 2* irá dobrar a produção de *Yamal LNG*, tornando-se um eixo central do plano de ação da Rússia no Ártico até 2035 e intensificando o trânsito pela Rota do Mar do Norte. Portanto, a exploração de recursos no Ártico é um ponto chave para a intensificação das relações entre os países na região e para o acirramento da corrida por recursos estratégicos.



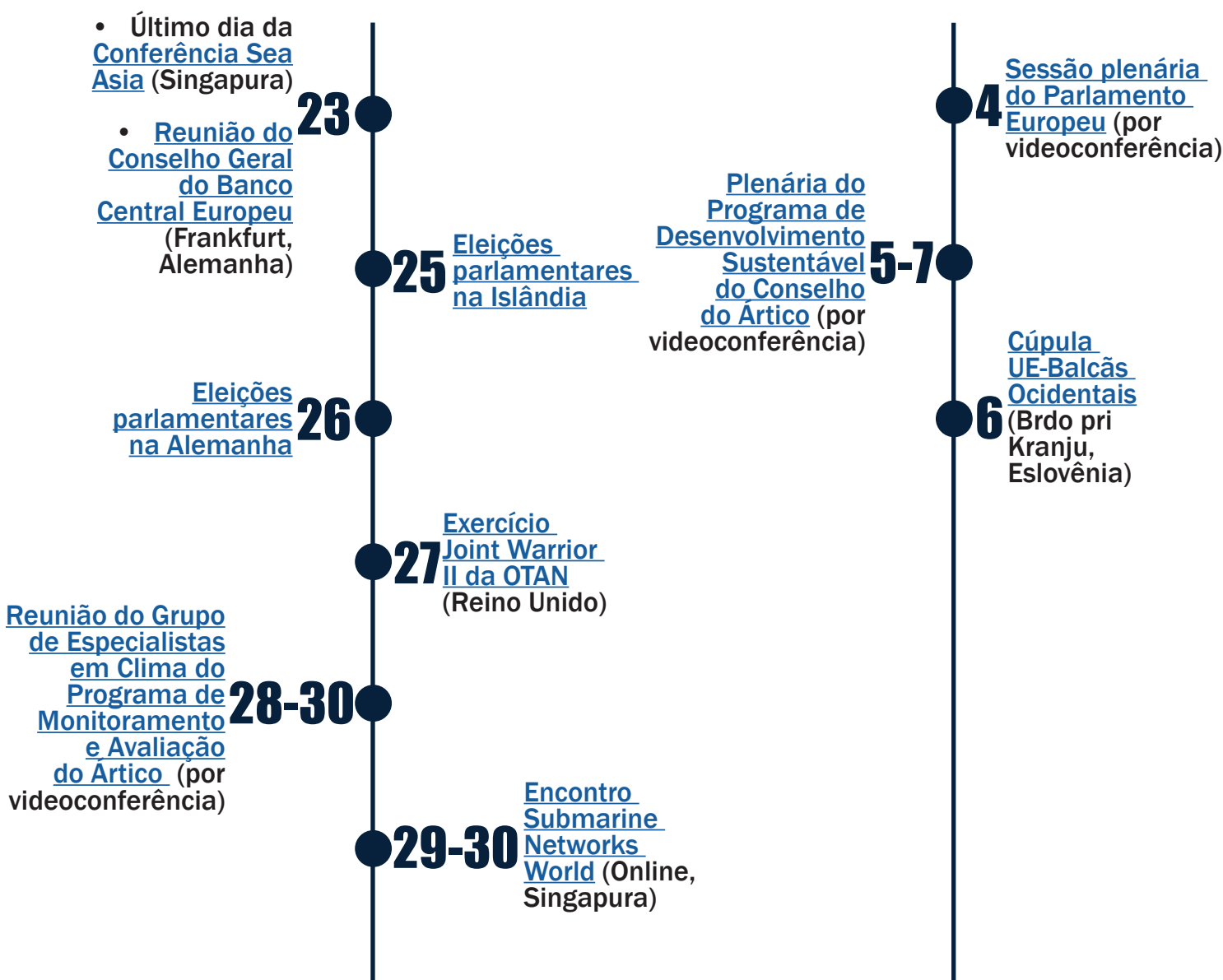
- ▶ [AUKUS reveals much about the new global strategic context](#)  
CHATHAM HOUSE, Robin Niblett CMG
- ▶ [Beyond COVAX: The Importance of Public-Private Partnerships for Covid-19 Vaccine Delivery to Developing Countries](#)  
CSIS, Conor M. Savoy e Elena Méndez-Leal
- ▶ [Australia's well-kept nuclear-submarine secret](#)  
IISS, Euan Graham
- ▶ [Daily Memo: Cyber Wars Can Become Hot Wars](#)  
GEOPOLITICAL FUTURES
- ▶ [Turkey's success in finding a role in Afghanistan could bring its leadership valuable benefits](#)  
CARNEGIE MEC, Marc Pierini

## CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Por: Isadora Jacques

### SETEMBRO

### OUTUBRO





## REFERÊNCIAS

- **O impacto das mudanças climáticas na Cordilheira dos Andes**  
MACHICAO, M.; LIMACHI, S. [O lago Poopó, na Bolívia, seca e os cientistas temem que seja improvável que volte a se encher](#). **El País**, La Paz, 10 ago. 2021. Acesso em: 20 ago. 2021.  
[Chile elabora plan de contingencia hidroeléctrica ante persistente sequía](#). **BNamericas**, Santiago, 12 ago. 2021. Acesso em: 20 ago. 2021.
- **A participação do AOPS canadense na Operação Nanook**  
[Navy kicks off long-anticipated push to replace Canada's beleaguered submarine](#). **CBC/Radio Canada**, Halifax, 14 jul. 2021. Acesso em 12 set. 2021.  
MELANSON, R. [HMCS Harry DeWolf embarks on maiden operational deployment](#). **Government of Canada - Navy News**, Ottawa, 10 ago. 2021. Acesso em: 12 set. 2021.
- **Haiti: um país entre crises**  
ARROYO, L. ["Não temos nada": a luta pela sobrevivência no epicentro do terremoto no Haiti](#). **El País**, Les Cayes, 2021. Acesso em: 20 ago. 2021.  
[Suspeito de relação com assassinato de presidente, premiê do Haiti substitui ministro da Justiça](#). **G1**, [s.l.], 2021. Acesso em: 17 ago. 2021.
- **Os impactos estruturais da pesca ilegal em Gana**  
KINYUA, B. [The Human Rights Cost of IUU Fishing in Ghana](#). **The Maritime Executive**, Plantation, 05 set. 2021. Acesso em: 17 set. 2021.  
Central Intelligence Agency (CIA). [Africa - Ghana](#). **The World Factbook**, [s. l.], 09 set. 2021. Acesso em: 17 set. 2021.
- **Operação Atalanta e a presença italiana na costa da Somália**  
ITÁLIA. **Ministério de Defesa**. [Operazione Atalanta: Nave Martinengo parte per corno d'Africa](#), 20 ago. 2021. Acesso em: 14 set. 2021.  
RIBAUDO, A. [Il cacciatore di pirati in Africa: lottiamo per la libertà in mare](#). **Corriere della Sera**, [s.l.], 09 abr. 2021. Acesso: 16 set. 2021.
- **A projeção de poder turco no Azerbaijão**  
IDDON, P. [The Growing Military Cooperation Between Turkey And Azerbaijan](#). **Forbes**, Jersey City, 27 jul. 2021. Acesso em: 31 ago. 2021.  
[Zangezur corridor between Turkey, Azerbaijan to revive region](#). **Daily Sabah**, Ancara, 01 jun. 2021. Acesso em: 31 ago. 2021.
- **O Army 2021: indústria de defesa, poder naval e a projeção internacional russa**  
RUSSIA. **Presidência da Rússia**. [International Military Technical Forum Army 2021](#), Moscou, 23 ago. 2021. Acesso em 03 set. 2021.  
[Russia unveils underwater drone to sniff out mines on sea floor at Army 2021 arms show](#). **TASS**, Moscou, 27 ago. 2021. Acesso em: 03 set. 2021.
- **Belarus e a ferramenta de dissuasão migratória**  
[Poland plans a state of emergency on border with Belarus](#). **Político**, [s.l.], 31 ago. 2021. Acesso em: 01 set. 2021.  
[EU condemns Belarus for 'direct attack' using migrants](#). **The Associated Press**, [s. l.], 18 ago. 2021. Acesso em: 01 set. 2021.
- **Mar, terra, ar e espaço: a "Coreia Global" segue além**  
Hyundai Heavy, [Bobcock join forces for South Korea's 1st aircraft carrier](#). **The Korea Times**, Seul, 01 set. 2021. Acesso em: 03 set. 2021.  
[Bobcock International Group and Hyundai Heavy Industries sign a Memorandum of Understanding in Republic of Korea](#). **Babcock**, Londres, 01 set. 2021. Acesso em: 03 set. 2021.
- **China e Big Tech: por trás das Regulações**  
[Co-Founders of Chinese Private-Equity Firm Boyu Build Singapore Base](#). **The Wall Street Journal**, Nova Iorque, 22 fev. 2019. Acesso em: 03 set. 2021.  
[The Longer Telegram: Toward a new American China strategy](#). **Atlantic Council**, Washington, 01 jan. 2021. Acesso em: 03 set. 2021.
- **Laços comerciais indo-russos alcançam novos horizontes**  
[Índia anuncia que vai ajudar Rússia a transformar Ártico em rota comercial global](#). **Sputnik News**, 05 set. 2021. Acesso em: 06 set. 2021.  
[India, Russia explore North Sea route](#). **The Hindu BusinessLine**, Nova Delhi, 14 jan. 2020. Acesso em: 05 set. 2021.
- **O AUKUS e a estratégia australiana para o Indo-Pacífico**  
[Australia Intends To Acquire At Least Eight Locally-Built SSNs As Part Of AUKUS Initiative](#). **Naval News**, Paris, 16 set. 2021. Acesso em: 17 set. 2021.  
SHOEBRIDGE, M. [AUKUS nuclear submarine deal shows the world has changed](#). **The Strategist**, Barton, Acesso em: 16 set. 2021.
- **Os projetos da Novatek e a projeção da Rússia no Ártico**  
SASSI, F. [Energy partnership bolsters China-Russia relations](#). **East Asia Forum**, [s.l.], 08 abr. 2021. Acesso em: 05 set. 2021.  
STAALESEN, A. [Novatek's new Arctic license areas are located in a protected nature reserve](#). **The Barents Observer**, Kirkenes, 09 set. 2021. Acesso em: 16 set. 2021.  
Capa: ["Dosan An Chang-Ho" is the first KSS III submarine](#).  
Por: DSME Picture.  
Os mapas iniciais (pág 03 e 04) do Boletim foram produzidos pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em

cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e óbitos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 15 países com maior número de infectados de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho, laranja e amarelo de acordo com o número de casos totais. As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Bruno Gonçalves

### ► ALTO RISCO:

- AFGANISTÃO — Crise estrutural: [Afghanistan crisis: Taliban kill civilians in resistance stronghold](#). **BBC**, 14 set. 2021. Acesso em: 20 set. 2021.
- GUINÉ — Golpe de Estado: [Guinea junta brushes off impact of ECOWAS sanctions](#). **Defence Web**, 20 set. 2021. Acesso em: 20 set. 2021.
- HAITI — Crise estrutural: [En Haïti, l’enquête sur l’assassinat de Jovenel Moïse s’enlise dans les conflits politiques](#). **Le Monde**, 16 set. 2021. Acesso em: 20 set. 2021.
- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [Yemen Houthi rebels execute 9 over senior official’s killing](#). **AP NEWS**, 18 set. 21. Acesso em: 20 set. 2021
- MOÇAMBIQUE — Conflito entre governo e forças insurgentes: [How big is the Islamic threat in Mozambique? And why are Rwandan troops there?](#). **The Conversation**, 19 set. 2021. Acesso em: 20 set. 2021.
- MYANMAR — Golpe militar: [Myanmar military convoy hit by roadside bomb near Yangon: junta](#). **France 24**, 19 set. 2021. Acesso em: 20 set. 2021.
- VENEZUELA — Crise estrutural: [UN experts: Venezuelan judiciary has big role in repression](#). **The Associated Press**, 16 set. 2021. Acesso em: 20 set. 2021.

### ► MÉDIO RISCO:

- BELARUS — Crise política e tensões com o bloco europeu: [Russia and Belarus Are Using Migrants as a Weapon Against the EU](#). **Foreign Policy**, 18 set. 2021. Acesso em: 20 set. 2021.
- ETIÓPIA — Conflito entre governo e forças insurgentes: [Biden Threatens New Sanctions Against Ethiopia War Leaders](#). **The New York Times**, 17 set. 2021. Acesso em: 20 set. 2021.
- LÍBANO — Crise estrutural: [Lebanon’s new cabinet agrees policy program: Official source](#). **Al Arabiya News**, 16 set. 2021. Acesso em: 20 set. 2021.
- MALI — Instabilidade política: [French minister in Mali to pressure junta over Russian mercenaries](#).

Reuters, 19 set. 2021. Acesso em: 20 set. 2021.

• SÍRIA — Insegurança regional: [Turkey faces gathering storm in Syria](#). **Al Monitor**, 20 set. 2021. Acesso em: 20 set. 2021.

• SOMÁLIA — Crise eleitoral e humanitária: [Conselho de Segurança da ONU "profundamente preocupado" com crise política na Somália](#). **Observador**, 18 set. 2021. Acesso em: 20 set. 2021.

• TUNÍSIA — Parlamento suspenso pelo presidente: [Tunisia's political crisis: What role will the military play?](#). **DW**, 20 set. 2021. Acesso em: 21 set. 2021.

• UCRÂNIA — Tensões transfronteiriças com Rússia: [Ukraine Launches Military Drills With NATO](#). **The Defense Post**, 20 set. 2021. Acesso em: 21 set. 2021.

► MONITORAMENTO:

• ARMÊNIA E AZERBAIJÃO — Conflito em Nagorno-Karabakh: [Peace on Azerbaijan's Terms Won't End the Nagorno-Karabakh Conflict](#). **Foreign Policy**, 20 set. 2021. Acesso em: 20 set. 2021.

• COLÔMBIA — Crise estrutural: [Iván Duque defende reforma policial "drástica" após onda de protestos na Colômbia](#). **El País**, 16 set. 2021. Acesso em: 20 set. 2021.

• GOLFO DA GUINÉ — Insegurança marítima conjuntural: [Gulf of Guinea loses \\$794m to piracy – NIMASA](#). **The Sun News**, 10 set. 2021. Acesso em: 20 set. 2021.

• LÍBIA — Em cessar-fogo: [High Council of State approves constitutional basis for Libya elections](#). **Libya Observer**, 19 set. 2021. Acesso em: 20 set. 2021.

• MAR DO SUL E DO LESTE DA CHINA, HONG KONG & TAIWAN — Exercícios navais e presença de potências extrarregionais: [Former US admiral says China 'their own worst enemy' as tensions rise in South China Sea](#). **ABCNews**, 12 set. 2021. Acesso em: 20 set. 2021.

• MEDITERRÂNEO CENTRAL — Aumento expressivo de travessias de migrantes: [FRONTEX: Illegal Migration Increased by Over 90% in the Mediterranean, Balkan & Western African Route](#). **Shengenvisa**, 15 set. 2021. Acesso em: 20 set. 2021.

• MÉXICO — Crise migratória: ["Trapped": Migrants collecting food try to evade law enforcement at the U.S.-Mexico border](#). **Reuters**, 20 set. 2021. Acesso em: 20 set. 2021.

• NICARÁGUA — Crise política: [HRW: Ortega impone "acusaciones fabricadas" a opositores presos en Nicaragua](#). **DW**, 20 set. 2021. Acesso em: 20 set. 2021.

• NÍGER — Aumento da atividade terrorista: [Niger: Many live in fear of terrorists](#). **DW**, 14 set. 2021. Acesso em: 20 set. 2021.

• TAILÂNDIA — Insatisfação popular pelo controle feito à pandemia: [Protesters call to 'kick out' Thai PM on coup anniversary](#). **Al Jazeera**. 19 set. 2021. Acesso em: 20 set. 2021.